

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



### **Do Corpo à Nuvem: Consciência, Controle e Desigualdade no Capitalismo Digital.**

[Autor 1º] Geovana Rodrigues Belo

UFCAT- Curso de Ciências Sociais

grodriguesbelo@gmail.com

[Co-Autor 2º] Sullivan Charles Barros

UFCAT – Curso de Ciências Sociais

sullivanbarros@gmail.com

### **GT 5 - Juventude, Diversidade e Relações Ético-Raciais.**

No episódio “Pessoas Comuns” de Black Mirror (2025), mostra como as novas tecnologias, como a Inteligência Artificial, podem intensificar processos de mercantilização da existência humana e criar novas formas de desigualdade social no contexto do capitalismo digital. A série é conhecida por expor como as tecnologias do futuro podem afetar a sociedade. Cada episódio mostra uma situação extrema que traz reflexão sobre o uso da tecnologia no nosso cotidiano.

O episódio narra a história de Amanda, uma professora que desenvolve um tumor cerebral fatal, e seu marido Mike, que recorre ao sistema Rivermind, uma tecnologia que mantém a consciência funcionando em servidores na nuvem. Embora a cirurgia seja gratuita, o sistema opera sob um modelo de assinatura mensal que inicia em 300 dólares, transformando a sobrevivência em uma mercadoria. Amanda fica restrita a uma “zona de cobertura” como um

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



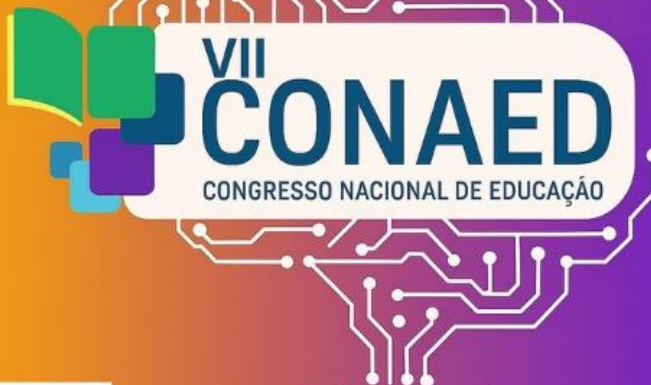
plano de celular, enquanto a empresa utiliza seu tempo de inatividade para alimentar servidores, deixando-a constantemente exausta.

Essa ideia se assemelha ao que Shoshana Zuboff (2021) conceitua como capitalismo de vigilância, um regime econômico pautado na análise, captura e comercialização da vivência humana. Nesse episódio a consciência da professora Amanda é apropriada como um recurso computacional, seus estados mentais são convertidos em matéria-prima para extração de valor. Os anúncios inseridos em sua consciência representam a forma extrema desta lógica, eliminando qualquer espaço de privacidade mental. Para Zuboff, esse sistema “afirma direitos unilaterais à experiência humana privada como matéria-prima gratuita para tradução em dados comportamentais” (2021, p.18), o que se aplica diretamente à condição de Amanda.

A situação se torna pior quando anúncios começam a interromper sua consciência, ela pode estar dando aula e subitamente começar a fazer propaganda para algum produto. Mike, desesperado para pagar por atualizações que aliviem o sofrimento da esposa, recorre a uma plataforma chamada DumDummies, onde se machuca deliberadamente diante das câmeras por dinheiro. Um ano depois, o casal está falido, vende o berço do bebê que planejavam ter, e Mike perde dentes devido ao trabalho autodestrutivo. No aniversário do casal, Mike paga 30 minutos do Rivermind Lux, um nível premium que oferece paz temporária a Amanda, que então decide que "é hora" de terminar com o sofrimento. O episódio é finalizado com Mike sufocando Amanda quando o plano básico expira, seguido de sua própria morte.

A narrativa também revela como a lógica de exploração capitalista é internalizada pelos sujeitos, o que pode ser analisado a partir do conceito de violência simbólica desenvolvido por Pierre Bourdieu (1989). A aceitação por Amanda de trabalhar como “s

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO

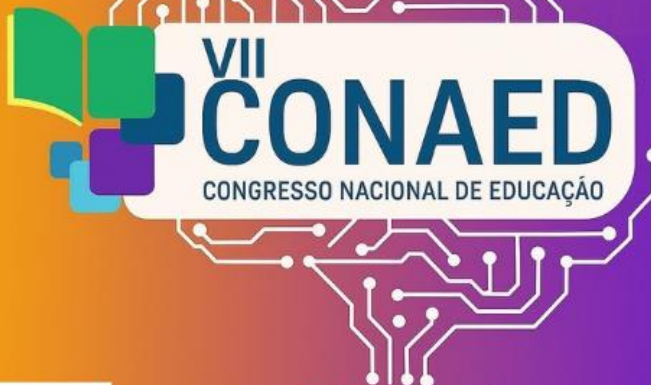


“servidor humano” em troca de minutos de consciência, e o ato de Mike se mutilar diante de câmeras para arrecadar dinheiro, evidenciam uma forma de dominação que atua de maneira invisível, naturalizando o sofrimento como parte da sobrevivência. Essa dominação simbólica faz com que os personagens participem ativamente da sua própria exploração, sem questionar sua legitimidade, o que aprofunda os mecanismos de desigualdade no capitalismo digital.

Esta narrativa mostra como as tecnologias podem ser utilizadas como instrumentos para aprofundar desigualdades sociais através de três dimensões principais: uma nova estratificação social digital, onde a qualidade da "vida digital" é determinada pelo poder econômico, criando hierarquias baseadas no acesso a tecnologias de consciência e reproduzindo desigualdades sociais no espaço virtual; uma alienação tecnológica extrema, que transforma a consciência humana em força de trabalho (servidor), promove a perda da autonomia sobre a própria existência e mercantiliza aspectos fundamentais da experiência humana; e uma precarização da vida, caracterizada pela financeirização de relacionamentos íntimos, degradação social progressiva para manter acesso tecnológico e surgimento de novas formas de trabalho precarizado.

O episódio também ilustra como a monetização da consciência cria uma economia perversa onde a dignidade humana se torna negociável. A transformação de Amanda em um "servidor humano" durante períodos de inatividade representa uma forma extrema de exploração capitalista, onde mesmo os momentos de descanso são capturados como valor econômico. A presença constante de publicidade invadindo sua consciência demonstra como a IA (Inteligência Artificial) pode ser utilizada para colonizar completamente a experiência subjetiva, eliminando qualquer espaço de privacidade mental. A trajetória de Mike, que passa de um marido devotado a um trabalhador precarizado que se automutila por dinheiro,

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



exemplifica como as tecnologias de IA podem forçar as pessoas a extremos de degradação social para manter acesso a serviços básicos de sobrevivência.

A análise exemplifica como a IA pode intensificar mecanismos de controle social através da modulação comportamental algorítmica e da quantificação da experiência humana, funcionando como laboratório sociológico para compreender tendências atuais de mercantilização digital da vida. O modelo de assinatura para a consciência reflete uma crítica aos atuais sistemas de economia digital, onde aspectos fundamentais da vida humana são transformados em produtos com diferentes níveis de qualidade baseados na capacidade de pagamento. A ficção distópica evidencia a necessidade urgente de regulamentação democrática do desenvolvimento tecnológico, priorizando justiça social e autonomia humana

Analisando o cenário apresentado no episódio, é notório como as tecnologias digitais não são neutras, carregam intencionalidades que refletem e agravam desigualdades já existentes. A transformação da consciência em produto e da dor em espetáculo midiático, mostra como o capitalismo moderno consegue se reinventar e explorar até os aspectos mais íntimos da experiência humana.

A narrativa é como um alerta acerca do futuro que se pode tomar na sociedade, principalmente se não houver um debate público sério sobre os limites éticos do uso dessas tecnologias. O modelo de assinatura para manter Amanda consciente, inserção de publicidade direta na mente e o trabalho autodestrutivo de Mike expõe como a lógica do lucro muitas vezes atravessa todas as dimensões da vida, inclusive aquelas que deveriam ser invioláveis, como o amor, saúde e descanso.

Por isso, pensar políticas de regulação democrática da tecnologia se torna uma pauta urgente, é necessário que elas levem em conta a justiça social, dignidade humana e a

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



preservação da autonomia subjetiva. Isso inclui discutir sobre o direito à privacidade mental, ao descanso não monetizado e à desconexão. Também exige refletir sobre como as juventudes, em especial as mais vulneráveis, são afetadas por essas formas de exploração algorítmica, emocional e cognitiva.

Desse modo, Black Mirror evidencia elementos do presente que se aproximam dessa distopia. A crítica presente no episódio “Pessoas Comuns” reforça a necessidade de questionar a direção do desenvolvimento tecnológico e a verdadeira face das novas tecnologias, que em sua maioria consistem em um novo modo de lucrar a partir da vida humana. Como alerta Shoshana Zuboff (2021), o capitalismo de vigilância reivindica o direito de extrair e monetizar a experiência privada como matéria-prima, o que se materializa na transformação da consciência em produto e na inserção de publicidade direta na mente de Amanda. No mesmo sentido, Pierre Bourdieu (1989) nos ajuda a compreender como esse processo opera através de uma violência simbólica, que naturaliza a dominação tecnológica e faz com que os sujeitos aceitem formas brutais de exploração como parte da normalidade. Assim, o episódio revela não apenas os riscos técnicos da Inteligência Artificial, mas também os riscos sociais de sua implementação sem regulação crítica e democrática. Pensar políticas de controle social da tecnologia, pautadas na justiça, na dignidade e na autonomia subjetiva, torna-se uma tarefa urgente, sobretudo diante do impacto dessas práticas sobre as juventudes e os grupos mais vulnerabilizados.

A Pedagogia histórico-crítica  
e suas contribuições:  
na era da inteligência  
artificial, o que fazer com o  
conhecimento humano  
científico?



VII Congresso Nacional de Educação  
XX Simpósio de Pedagogia  
VII Simpósio de Educação do Campo  
IV Congresso de Pós-Graduação em Educação  
II Exposição de Boas Práticas Pedagógicas

**REFERÊNCIAS:**



23 a 25 de Setembro de 2025  
Catalão - GO



BLACK MIRROR. **Pessoas Comuns**. Direção: Sam Miller. Roteiro: Charlie Brooker. Reino Unido: Netflix, 2025. 1 episódio (6ª temporada, ep. 2). Colorido, sonoro.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

Realização:



Apoio:

